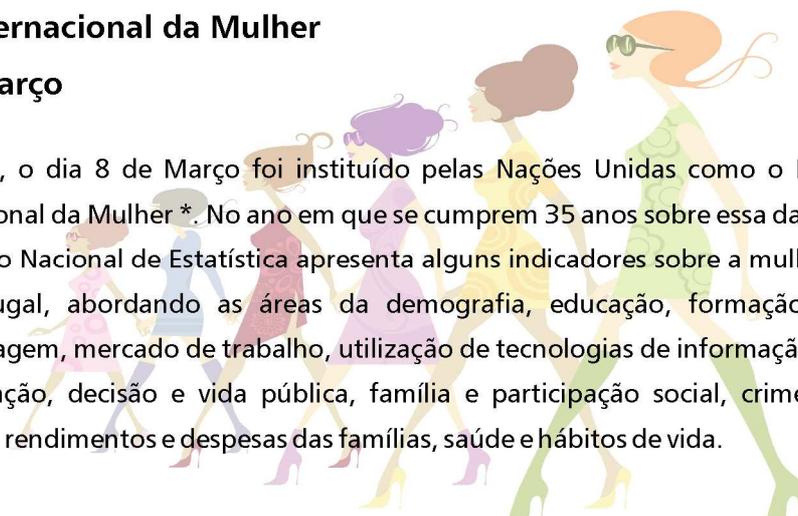


Dia Internacional da Mulher

8 de Março

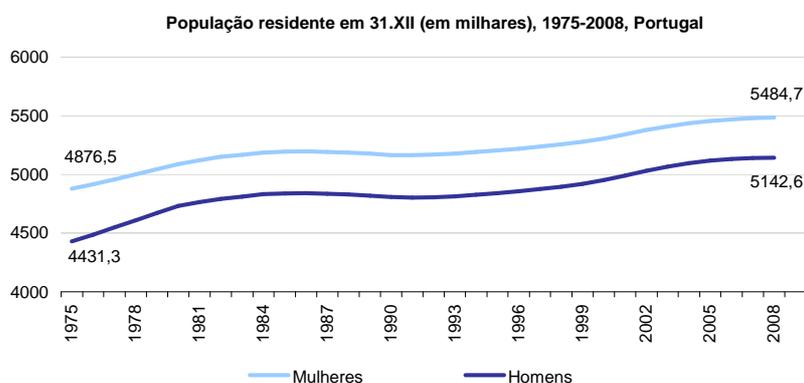
Em 1975, o dia 8 de Março foi instituído pelas Nações Unidas como o Dia Internacional da Mulher *. No ano em que se cumprem 35 anos sobre essa data, o Instituto Nacional de Estatística apresenta alguns indicadores sobre a mulher em Portugal, abordando as áreas da demografia, educação, formação e aprendizagem, mercado de trabalho, utilização de tecnologias de informação e comunicação, decisão e vida pública, família e participação social, crime e violência, rendimentos e despesas das famílias, saúde e hábitos de vida.



A MULHER NA POPULAÇÃO PORTUGUESA

População residente maioritariamente composta por mulheres

A maioria da população residente em Portugal é constituída por mulheres. Em 2008, residiam em Portugal cerca de 5,5 milhões de mulheres, correspondendo a 51,6% da população total.



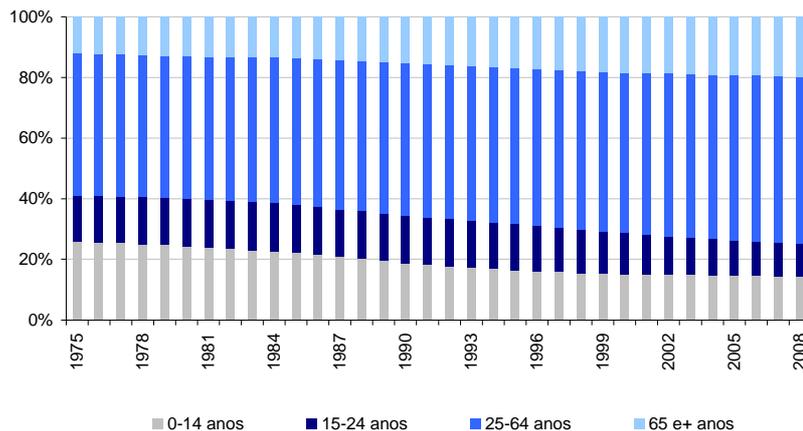
Fonte: INE, Estimativas de População Residente em Portugal

* Já em 1910, na primeira conferência internacional de mulheres, foi aprovada a instituição de um dia internacional da Mulher, embora sem dia definido.

Entre 1975 e 2008, a relação de feminilidade da população passou de 110 para 107 mulheres por 100 homens, essencialmente devido a saldos migratórios masculinos superiores aos femininos.

Em 2008, a maior proporção da população feminina centrava-se nas idades activas, dos 25 aos 64 anos de idade (54,9%), seguida do grupo etário 65 e mais anos (19,9%). Comparativamente com 1975, destaca-se o decréscimo em mais de 11 pontos percentuais da população com menos de 15 anos e o aumento da população em idade activa com 25 a 64 anos de idade (mais 7,9 p.p.) e da população com 65 e mais anos (mais 7,8 p.p.).

População feminina por grandes grupos etários (%), 1975-2008, Portugal



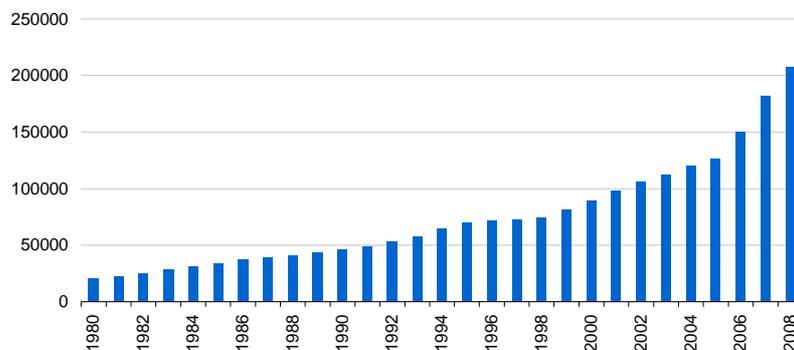
Fonte: INE, Estimativas de População Residente em Portugal

População feminina estrangeira tem vindo a aumentar

A proporção de mulheres de nacionalidade estrangeira no total da população estrangeira com estatuto legal de residente em Portugal¹ aumentou 6,7 pontos percentuais entre 1980 e 2008, passando de 40,9% em 1980 para 47,6% em 2008, apontando, assim, para uma maior feminização das migrações.

Em 2008, 207 231 mulheres estrangeiras eram detentoras de um título de residência. As nacionalidades mais representativas eram a brasileira (27,6%), a cabo-verdiana (12,7%) e a ucraniana (10,8%).

População feminina estrangeira com estatuto legal de residente, 1980 - 2008, Portugal

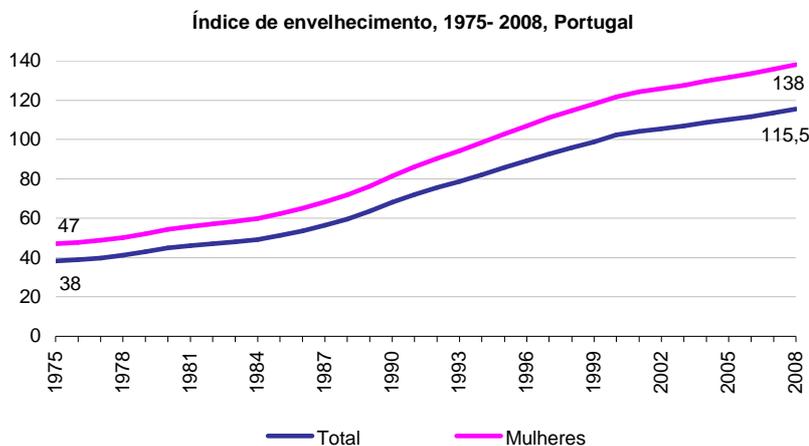


Fonte: Serviço de Estrangeiros e Fronteiras

¹ Excluem-se nesta análise as mulheres estrangeiras a permanecer em território nacional detentoras de vistos de longa duração prorrogados ou concedidos.

O envelhecimento populacional é mais acentuado nas mulheres

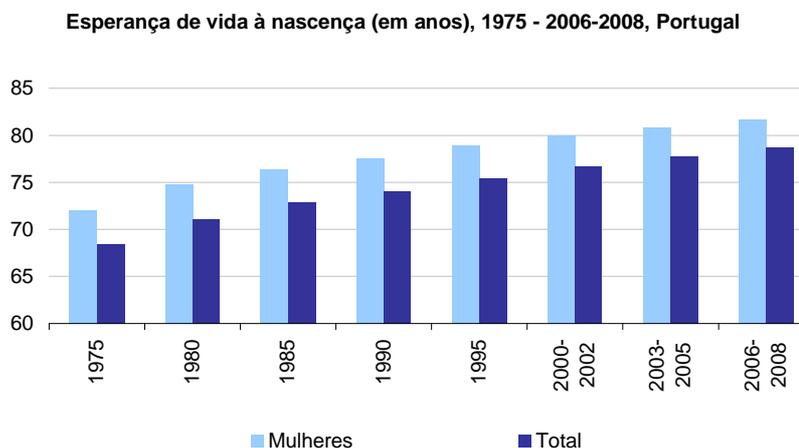
Entre 1975 e 2008 o valor do índice de envelhecimento das mulheres aumentou de 47 para 138 idosas por cada 100 jovens, reflectindo, nomeadamente, o contínuo aumento da longevidade.



Fonte: INE, Estimativas de População Residente em Portugal

Mulheres vivem em média mais 10 anos do que em 1975

A esperança média de vida à nascença tem vindo progressivamente a aumentar. Em 1975, as mulheres podiam esperar viver, em média, 72 anos e no período 2006-2008, a esperança média de vida ascendia a 82² anos.



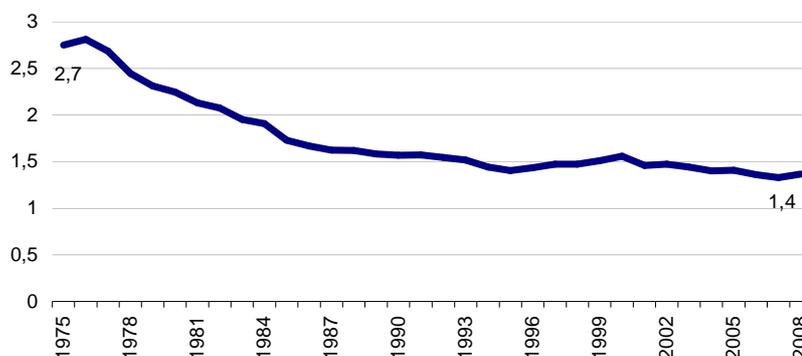
Fonte: INE, Estimativas de População Residente em Portugal

² Os valores da esperança média de vida à nascença para o período temporal 1975 – 1999 reportam-se à série divulgada pelo INE com base em tábuas abreviadas de mortalidade bienais. Em 2007, o INE adoptou uma nova metodologia de cálculo do indicador Esperança Média de Vida à idade x , baseada em tábuas completas de mortalidade com período de referência de três anos consecutivos. Face às alterações metodológicas, os valores da esperança média de vida, calculados segundo esta nova metodologia, não são directamente comparáveis com os valores divulgados para 1975-1999.

As mulheres têm, actualmente, menos filhos e cada vez mais tarde

Em 1975, cada mulher tinha, em média, 2,6 crianças; esse valor passou para 1,4 crianças em 2009.

Índice Sintético de Fecundidade (número médio de crianças por mulher), 1975 - 2008, Portugal



Fonte: INE, Estimativas de População Residente em Portugal

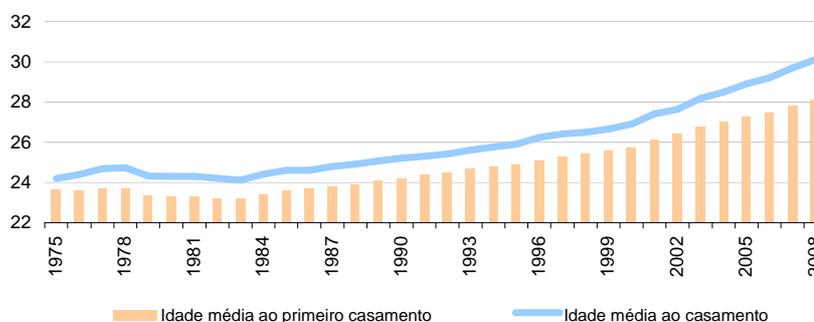
Entre 1975 e 2008, as mulheres retardaram mais de quatro anos a idade média à primeira maternidade e cerca de três anos à maternidade de um modo geral: em 2008, a idade média ao nascimento do primeiro filho ultrapassava os 28 anos (24 em 1975) e a idade média ao nascimento de um filho era de cerca de 30 anos (28 em 1975).

O adiamento da maternidade reflecte as mudanças que se têm verificado no ciclo de vida dos indivíduos, nomeadamente quanto à participação no sistema de educação e formação, à inserção no mercado de trabalho, à entrada na conjugalidade, à formação da própria família e, conseqüentemente, à entrada na parentalidade.

As mulheres casam cada vez mais tarde

Em 2008, a idade média das mulheres ao casamento era de aproximadamente 30 anos e a idade média ao primeiro casamento de cerca de 28 anos. Estas idades têm vindo progressivamente a aumentar, e de forma mais significativa no caso das mulheres: para estas e face a 1975, a idade média ao primeiro casamento aumentou cerca de 5 anos.

Idades médias da mulher ao casamento (em anos), 1975 - 2008, Portugal



Fonte: INE, Estatísticas Demográficas e Estimativas de População Residente em Portugal

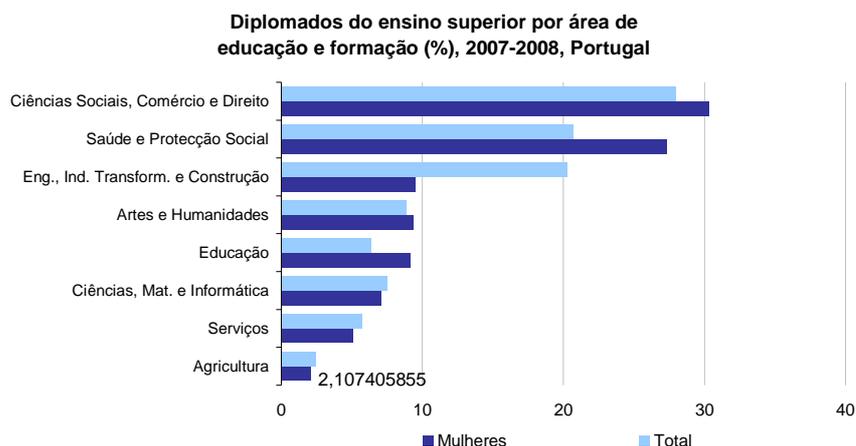
A MULHER NA EDUCAÇÃO, FORMAÇÃO E APRENDIZAGEM

O aumento da escolarização da população portuguesa nas últimas décadas é particularmente dinamizado pela participação das mulheres

Desde o fim da década de 70 que a proporção de mulheres no nível de ensino secundário é maioritária – a relação de feminilidade neste nível de escolaridade atingiu o valor mais elevado no ano lectivo 1991/92 (56,1%), situando-se em 52,7% no ano lectivo 2007/2008.

Na primeira década do século XXI as mulheres estão maioritariamente representadas na frequência de cursos de ensino superior, ainda que se observe o esbatimento desse predomínio entre o ano lectivo 2000/2001 (57 mulheres por cada 100 estudantes matriculados no ensino superior) e o ano lectivo de 2008/2009 (53,4 mulheres por cada 100 estudantes matriculados no ensino superior).

Acompanhando a mesma tendência em termos de desempenho, a proporção de diplomados por cada 100 alunos é ainda assim favorável às mulheres, que representavam 67,1% do total de diplomados no início desta década, passando a representar 59,6% no ano lectivo de 2008/2009.



Fonte: GPEAR, RAIDES

Observa-se um forte incremento da presença feminina entre os titulares de doutoramentos realizados ou reconhecidos por universidades portuguesas desde o início da década de 90, quando as mulheres representavam 37,7% dos doutorados; em 2008 essa proporção aumentou para 50,9%, representando uma taxa de crescimento médio anual de 10,5% face a 8,6% no total de doutoramentos.

As mulheres privilegiam as áreas das ciências sociais, comércio e direito e saúde e protecção social

Ciências sociais, comércio e direito e saúde e protecção social constituem as áreas preferenciais das mulheres, nas quais se diplomaram respectivamente 30,4% e 27,3%, no ano lectivo de 2007/2008. De um modo geral, as mulheres acompanham a tendência observada em termos de áreas de educação e formação para o total da população, exceptuando a área das engenharias, indústrias transformadoras e construção.

A feminização da docência é um fenómeno que se faz notar de forma diferenciada no ensino superior e não superior

No ano lectivo 2007/2008 as mulheres representavam mais de três quartos (76,6%) dos docentes do ensino não superior, valor sem alterações de relevo nesta década.

No entanto, no ensino superior o peso da docência feminina era de 43,4%, não obstante o aumento verificado em relação a 2000 (40,8%).

Actividades de aprendizagem ao longo da vida (educação formal ou educação não formal) e actividades de aprendizagem informal – uma participação paritária?

Considerando a população total com idade entre 18 e 64 anos, mulheres e homens apresentavam em 2007 perfis de participação em actividades de aprendizagem ao longo da vida (educação formal ou educação não formal) e em actividades de aprendizagem informal similares. Porém, uma observação mais detalhada, por escalão etário e sexo, deixa antever níveis de participação mais elevados entre as mulheres mais jovens para o indicador síntese da aprendizagem ao longo da vida, assim como para as duas dimensões que o compõem.

Proporção de indivíduos com idade entre 18 e 64 anos que participaram em actividades de aprendizagem ao longo da vida, em educação formal, educação não formal e aprendizagem informal (%) por grupo etário, Portugal

	Total	Mulheres
Aprendizagem ao Longo da Vida	18-24 anos	64,0
	25-34 anos	41,4
	35-44 anos	28,3
	45-54 anos	21,1
	55-64 anos	9,3
	Total	30,9
Educação Formal	18-24 anos	52,9
	25-34 anos	14,7
	35-44 anos	7,0
	45-54 anos	3,7
	55-64 anos	1,3
	Total	12,8
Educação Não Formal	18-24 anos	28,8
	25-34 anos	32,7
	35-44 anos	24,0
	45-54 anos	18,5
	55-64 anos	8,5
	Total	22,5
Aprendizagem informal	18-24 anos	53,0
	25-34 anos	50,9
	35-44 anos	42,6
	45-54 anos	34,2
	55-64 anos	27,5
	Total	41,2

Fonte: INE, IEFA 2007

Em 2007, tomando por referência as mulheres com idade entre 18 e 24 anos, verifica-se que 64,0% participaram em actividades de aprendizagem ao longo da vida, 52,9% em actividades de educação formal (resultado que está em conformidade com a já referida presença feminina entre a população escolar) e 28,8% em educação não formal.

Os níveis de participação mais elevados ocorrem entre as mulheres mais jovens, quer no que se refere ao conjunto da aprendizagem ao longo da vida, quer para cada uma das suas duas dimensões.

A leitura de livros como actividade de lazer é particularmente expressiva nas mulheres

O conhecimento de outras línguas além da materna é semelhante em termos de género. Porém, como observado para a participação em actividades de educação e formação, também a análise por escalões etários deixa perceber que entre as mulheres mais jovens a proporção das que conhecem línguas estrangeiras é superior face à média, respectivamente 78,2% e 74,4% para o escalão etário 18-24 anos.

Em 2007, a leitura de livros foi uma actividade com um forte cunho feminino – 52,2% leram livros como actividade de lazer, para 43,7% da população total. Diferentemente, a leitura de jornais é uma actividade com menor expressão entre as mulheres, dado que 29,6% leram jornais diariamente, face a 40,7% na população total.

Proporção de indivíduos com idade entre 18 e 64 anos que conhece outras línguas além da materna, que leu livros como actividade de lazer e leu jornais (%), Portugal

	Total	Mulheres
Conhece outras línguas além da materna	52,0	50,9
Leitura de livros como actividade de lazer	43,7	52,2
Leitura de jornais (todos os dias ou quase todos os dias)	40,7	29,6

Fonte: INE, IEFA 2007

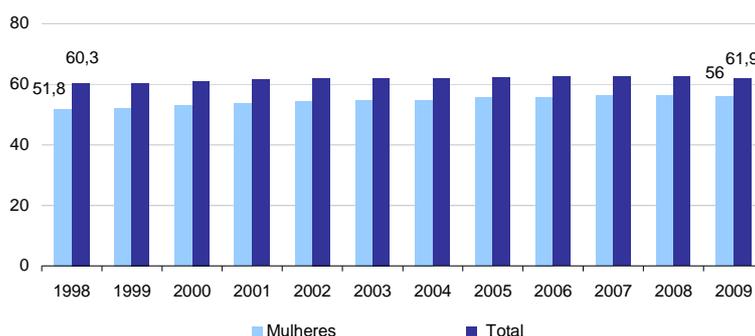
A MULHER NO MERCADO DE TRABALHO

Mulheres aumentaram a sua participação no mercado de trabalho

A taxa de actividade das mulheres (15 e mais anos) tem vindo a aumentar, sendo de 51,8% em 1998 e de 56,0% em 2009.

A participação da mulher portuguesa no mercado de trabalho é das mais elevadas no contexto da União Europeia. Em 2008, a taxa de actividade das mulheres residentes em Portugal era apenas superada pelas taxas da Suécia, Dinamarca, Holanda e Finlândia.

Taxas de actividade (15 e mais anos) (em %), 1998-2009, Portugal

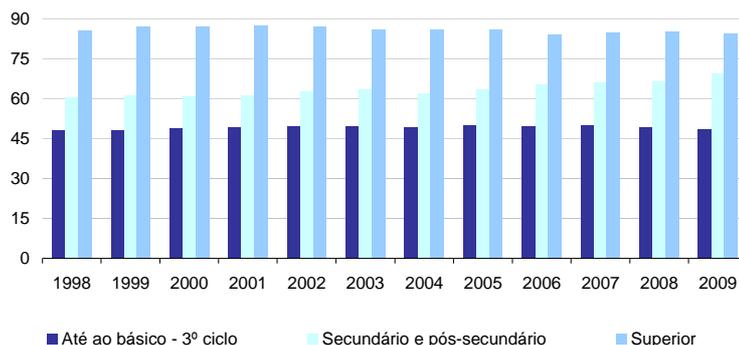


Fonte: INE, Estatísticas do Emprego

A taxa de actividade feminina varia na razão directa do nível de escolaridade

A taxa de actividade das mulheres cujo nível de escolaridade completo correspondia no máximo ao 3º ciclo do ensino básico foi de 48,4% em 2009 (47,9% em 1998); de 69,2% com escolaridade de nível secundário/pós-secundário (60,3% em 1998), e de 84,5% com ensino superior (85,6% em 1998).

Taxa de actividade feminina (15 e mais anos) (em %) por nível de escolaridade completo, 1998-2009, Portugal



Fonte: INE, Estatísticas do Emprego

No ano de 2009, em termos de estrutura profissional, 15,9% das mulheres eram “Quadros superiores da administração pública, dirigentes e quadros superiores de empresa” e “Especialistas das profissões intelectuais e científicas”. Porém, a maior parte das cerca de 2,4 milhões de mulheres empregadas exerciam uma profissão como “Pessoal dos serviços e vendedores” (23,0%) ou profissões não qualificadas (17,1%).

População empregada por profissão principal (CNP-94) (em %), 2009, Portugal

Profissões (1 dígito da CNP-94)	Total	Mulheres
1: Quadros superiores da Administração Pública, dirig. e quadros superiores de empresa	6,6	4,4
2: Especialistas das profissões intelectuais e científicas	9,4	11,5
3: Técnicos e profissionais de nível intermédio	9,5	9,4
4: Pessoal administrativo e similares	9,4	13,0
5: Pessoal dos serviços e vendedores	15,8	23,0
6: Agricultores e trabalhadores qualificados da agricultura e pescas	10,9	11,1
7: Operários, artífices e trabalhadores similares	18,1	7,1
8: Operadores de instalações e máquinas e trabalhadores da montagem	7,9	3,4
9: Trabalhadores não qualificados	11,7	17,1
10: Forças Armadas	0,6	§

Fonte: INE, Estatísticas do Emprego

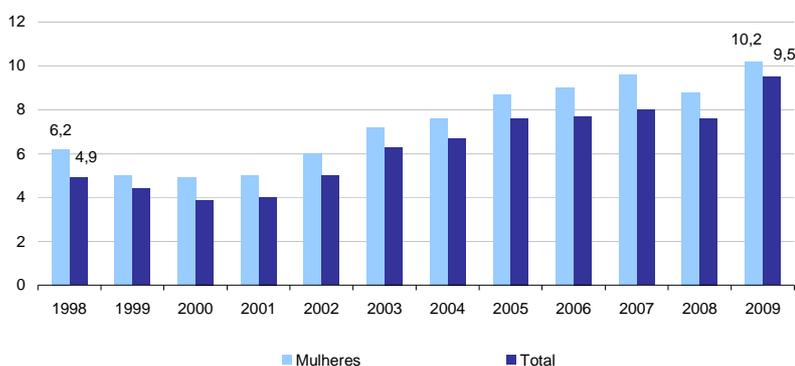
Sinais convencionais:

§ Valor com erro de amostragem associado superior a 20%, pelo que não pode ser divulgado.

Taxas de desemprego são maiores nas mulheres

A taxa de desemprego feminino tem sido estruturalmente mais elevada, acompanhando, no entanto, a evolução da taxa de desemprego global. Assim, a taxa de desemprego feminino agravou-se 4 p.p. entre 1998 e 2009, passando de 6,2% para 10,2% (4,6 p.p. para a população desempregada total).

Taxas de desemprego (em %), 1998-2009, Portugal

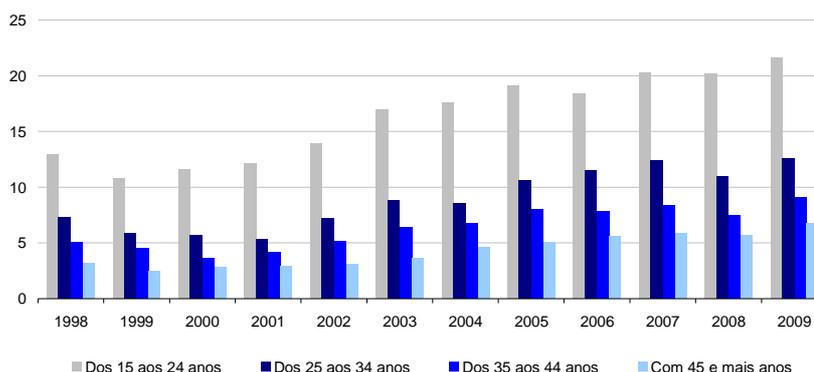


Fonte: INE, Estatísticas do Emprego

Taxa de desemprego feminino com maior incidência nas mulheres mais jovens

A taxa de desemprego feminino tem maior expressão entre as mulheres mais jovens. Em 2009, esta taxa de desemprego foi de 21,6% para as mulheres dos 15 aos 24 anos, de 12,4% para as dos 25 aos 34 anos, de 9,1% para as dos 35 a 44 anos e de 6,8% para as dos 45 e mais anos. A tendência geral tem sido de aumento, em especial desde o início da década.

Taxa de desemprego feminino (15 e mais anos) (em %) por grupo etário, 1998-2009, Portugal



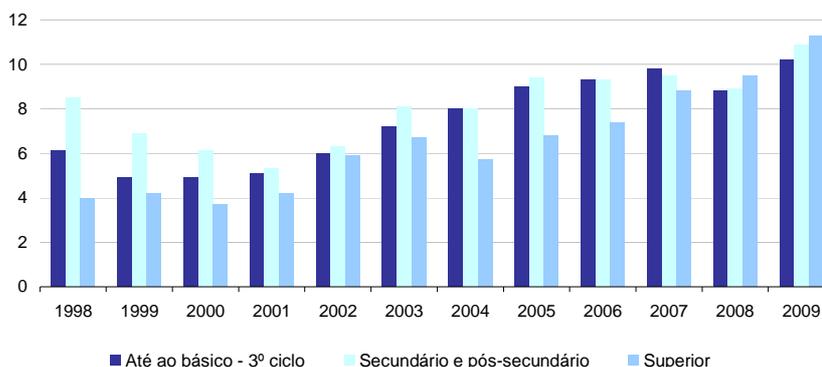
Fonte: INE, Estatísticas do Emprego

Em 2008 e 2009, a taxa de desemprego feminino foi mais elevada para as mulheres que possuíam um nível de escolaridade completo superior

Até 2005, a taxa de desemprego feminino era mais elevada entre as mulheres com nível de escolaridade completo correspondente ao ensino secundário e pós-secundário, à qual se seguia a das mulheres com ensino completo até ao básico – 3º ciclo e a das mulheres com ensino superior. A partir de 2006, esta hierarquia sofreu algumas alterações. Em particular, nos anos de 2008 e 2009 a taxa de desemprego das mulheres passou a ser

mais elevada para aquelas que completaram um nível de escolaridade correspondente ao ensino superior, à qual se seguiu a das que completaram o ensino secundário e pós-secundário e das que completaram, no máximo, o 3º ciclo do ensino básico. Em 2009, estas taxas foram, respectivamente, de 11,3% (4,0%, em 1998), 10,9% (8,5%, em 1998) e 10,2% (6,1%, em 1998).

Taxa de desemprego feminino (15 e mais anos) (em %) por nível de escolaridade completo, 1998-2009, Portugal



Fonte: INE, Estatísticas do Emprego

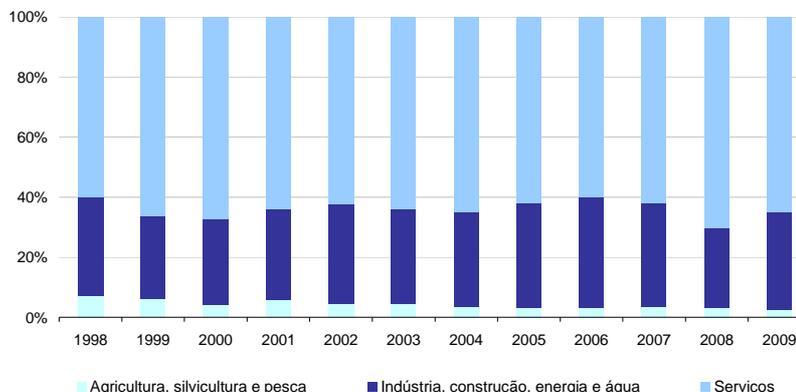
Maioria da população desempregada feminina à procura de novo emprego é proveniente do sector dos "Serviços"

Do total da população desempregada, em 2009, mais de metade (50,6%) eram mulheres, correspondendo a 267,4 mil mulheres (56,1% e 141,3 mil, respectivamente, em 1998).

Na sua maioria (89,0%), procuravam um novo emprego (79,3%, em 1998). Apenas 11% procuravam o primeiro emprego (20,7%, em 1998).

A maior parte da população desempregada feminina à procura de novo emprego teve como última actividade uma actividade pertencente ao sector dos "Serviços" (65,0%), seguido do sector da "Indústria, construção, energia e água" (32,7%) e do sector da "Agricultura, silvicultura e pesca" (2,3%). Comparativamente com 1998, a hierarquia da distribuição por sector da última actividade é idêntica: 59,9%, 33,0% e 7,0%, respectivamente.

População desempregada feminina à procura de novo emprego (em %) por sector da última actividade (CAE-Rev. 2.1), 1998-2009, Portugal



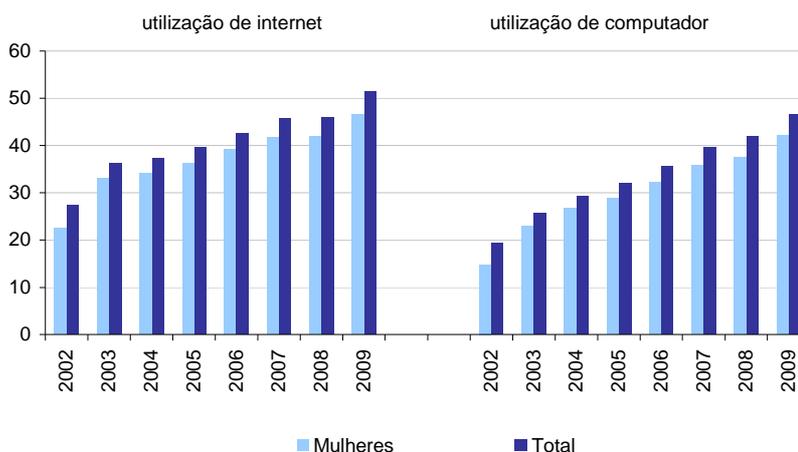
Fonte: INE, Estatísticas do Emprego.

A MULHER E A UTILIZAÇÃO DAS TECNOLOGIAS DA INFORMAÇÃO E DA COMUNICAÇÃO

Crescente utilização de tecnologias de informação e comunicação

Desde 2002 verifica-se uma tendência de crescimento geral na utilização de tecnologias da informação e da comunicação. Em 2009, 46,6% das mulheres utilizaram o computador e 42,2% fizeram pesquisas na Internet, face a 22,4% e 14,8%, respectivamente, em 2002.

População dos 16-74 anos segundo a utilização de computador e de Internet (em %), 2002-2009, Portugal



Fonte: INE, Inquérito à Utilização de Tecnologias da Informação e Comunicação pelas Famílias, 2002-2009

No período 2003-2009 a utilização de Internet teve como objectivos principais a pesquisa de informação sobre produtos ou serviços e o envio ou recepção de e-mails.

Em 2009, entre os diferentes objectivos de utilização da Internet, a leitura ou download de jornais ou revistas online e a realização de serviços bancários através de Internet *banking* revelaram-se as práticas mais distintivas das mulheres face ao total da população, representando 53,0% e 39,6% das utilizações feitas pelas mulheres.

População dos 16-74 anos que utilizou a internet nos três primeiros meses do ano, segundo os objectivos de utilização da internet (%), 2003-2009, Portugal

	2003		2004		2005		2006		2007		2008		2009	
	Mulheres	Total												
Enviar ou receber e-mails	76,4	77,5	79,1	80,9	80,1	80,5	79,4	80,9	83,9	83,5	85,0	85,2	85,7	85,6
Pesquisar informação sobre produtos ou serviços	80,8	81,9	76,7	79,1	77,6	80,8	82,0	83,8	81,4	82,6	79,8	80,9	86,1	86,8
Ler ou fazer download de jornais ou revistas online	42,4	49,4	44,7	50,2	45,6	51,3	38,2	44,5	33,1	38,2	39,7	48,2	53,0	59,5
Ouvir rádio ou ver televisão	17,4	23,0	23,4	27,5	24,5	28,1	25,4	30,0	31,9	36,2	35,6	41,2	39,6	41,7
Realizar serviços bancários através de Internet <i>banking</i>	19,6	23,7	19,9	25,9	20,9	26,2	23,3	27,5	24,1	29,4	27,5	32,4	32,3	36,6
Preencher e enviar online impressos ou formulários oficiais de organismos ou serviços públicos	20,2	20,4	23,5	25,7	25,9	28,0	29,7	32,3	29,0	33,0	28,6	30,8	32,9	35,2

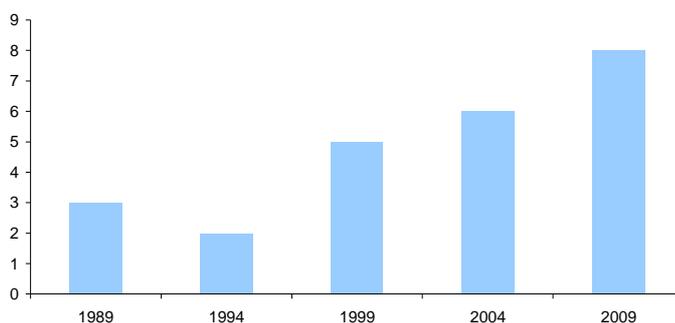
Fonte: INE - Inquérito à Utilização de Tecnologias da Informação e da Comunicação pelas Famílias, 2003 - 2009

A MULHER NA DECISÃO E NA VIDA PÚBLICA

O número de mulheres eleitas para o Parlamento Europeu quase triplicou

As portuguesas com assento no Parlamento Europeu têm reforçado a sua participação e representam, em 2009, 36,4% do total de deputados portugueses eleitos, contra 12,5 % em 1989.

Mulheres de nacionalidade portuguesa no Parlamento Europeu (N.º), 1989-2009, Portugal

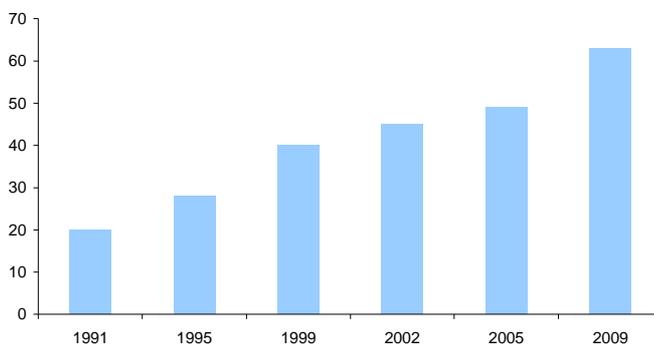


Fonte: Presidência do Conselho de Ministros

O número de mulheres eleitas para a Assembleia da República triplica

As deputadas eleitas para a Assembleia da República representam 27,4% dos deputados em 2009 (63 num total de 230 deputados), valor bem mais elevado do que os 8,7% registados em 1991.

Mulheres eleitas para a Assembleia da República (N.º), 1991-2009, Portugal

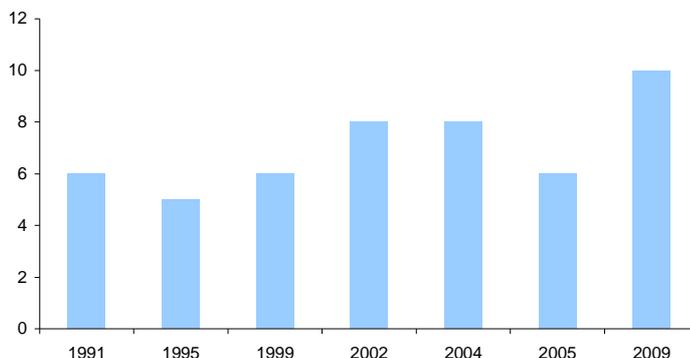


Fonte: Presidência do Conselho de Ministros

Mulheres no Governo Central duplicam

A participação das mulheres no Governo Central aumentou em 2009 com a indigitação de 10 mulheres, a que corresponde uma proporção de 18,5 % do total dos seus membros, valor que se distancia dos 9,8% de 1991.

Mulheres eleitas no Governo Central, Ministras e Secretárias de Estado (N.º), 1991-2009, Portugal

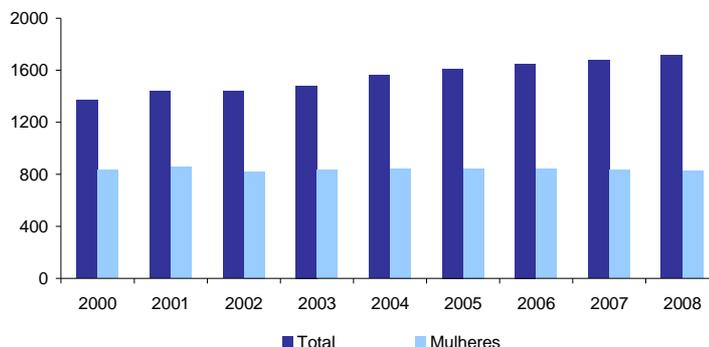


Fonte: Presidência do Conselho de Ministros

As mulheres perdem posição no total do número de juízes

A proporção de juízas no total de homens e mulheres juízes diminuiu de 60,8% em 2000 para 48,1% em 2008, (passando de 832 juízas para 824 juízas).

Juízes em Portugal (N.º), 2000-2008, Portugal



Fonte: Direcção Geral de Política da Justiça
Classificação Internacional Tipo de profissões (ISCO88, 2422)

A MULHER, A FAMÍLIA E A PARTICIPAÇÃO SOCIAL

O acompanhamento familiar é predominantemente assegurado pelas mulheres

Em 2008, 84% das licenças de adopção foram concedidas a mulheres.

No mesmo ano, as mulheres utilizaram 93% das licenças especiais para assistência a menores e 96% das licenças especiais para assistência a indivíduos com deficiência ou doença crónica.

Verificou-se ainda que a duração média da licença especial para assistência a indivíduos com deficiência ou doença crónica é ligeiramente superior quando atribuída a mulheres, registando em 2008 uma proporção de 204 dias para uma média global de 201 dias.

As faltas especiais pelo nascimento de netos, atribuídas no caso de nascimentos em que a mãe tem menos de 16 anos e vive ainda no agregado familiar paterno, caracterizam-se por serem integralmente gozadas por mulheres.

Na maternidade, as mulheres são cada vez mais apoiadas pelos homens

Em 2008 a Segurança Social concedeu subsídio de maternidade a 75163 mulheres e de paternidade e/ou licença parental a 50640 homens. Estes valores registam uma participação paterna crescente entre 2000 (17%) e 2008, (67%).

As relações de sociabilidade das mulheres: o contacto com amigos e redes familiares

As redes de sociabilidade são marcadas pela ligação aos amigos: entre 2005 e 2006, 74% das mulheres encontraram-se diária ou semanalmente com amigos.

No que respeita às redes familiares, e no mesmo período, 41% das mulheres com 16 ou mais anos referiu ter tido encontros diários com familiares e 68% contactaram diária ou semanalmente familiares.

As mulheres privilegiam as organizações de carácter social face às organizações de carácter político e sindical

Entre 2005 e 2006, a participação cívica surgia como um domínio em que a presença das mulheres era expressiva: 31% participava em actividades voluntárias informais, 49% em igrejas ou outras associações religiosas e 6% em instituições de caridade. A população total registava no mesmo período, e respectivamente, as seguintes proporções de participação: 28%, 43% e 5%.

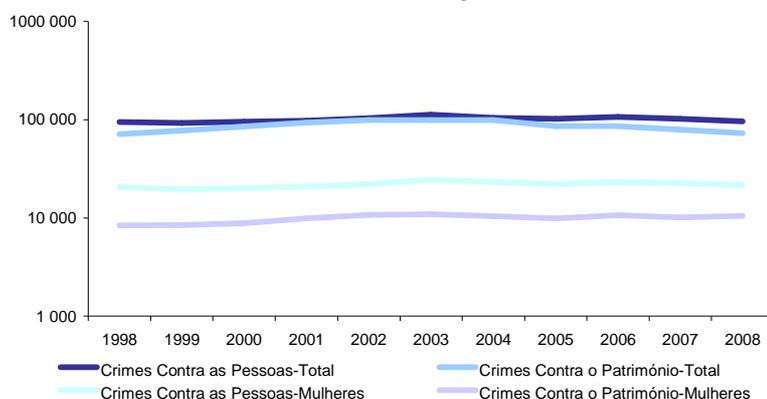
Os níveis de participação, globalmente baixos em actividades de partidos políticos ou de sindicatos, em actividades de associações profissionais e em actividades de organizações recreativas são-no particularmente no caso das mulheres: 2% nos dois primeiros casos e 6% no terceiro (os valores para o total eram, respectivamente, 3%, 3% e 11%).

A MULHER FACE AO CRIME E À VIOLÊNCIA

As mulheres são essencialmente identificadas como arguidas/suspeitas em crimes contra as pessoas

As mulheres identificadas como arguidas/suspeitas em crimes contra as pessoas representavam, em 2008, 22,3% do total de arguidos, valor que desce para 14,4% no caso dos crimes contra o património. As duas proporções situam-se em níveis ligeiramente superiores aos observados em 1998 (21,7% e 11,7%, respectivamente).

Arguidos/suspeitos identificados em crimes registados pela PSP e GNR (N.º) por Categoria de crime, 1998-2008, Portugal



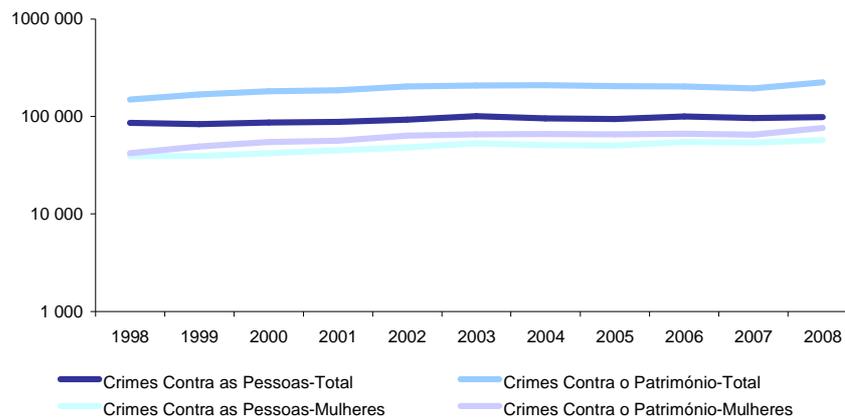
Fonte: Direcção-Geral da Política de Justiça; 2007 - Dados provisórios; 2008 - Dados preliminares

O número de mulheres lesadas/ofendidas tem vindo a aumentar

Entre 1998 e 2008, verificou-se uma variação superior no número de mulheres lesadas/ofendidas, identificadas pela PSP e pela GNR, tanto nos crimes contra o património (81,2%) como nos crimes contra as pessoas (45,1%), por comparação com o total (49,4% e 15,2%, respectivamente).

Mais de metade dos lesados/ofendidos identificados em crimes contra as pessoas são mulheres (57,8% em 2008, para 45,9% em 1998).

Lesados/ofendidos identificados em crimes registados pela PSP e GNR (N.º) por Sexo e Categoria de crime, 1998-2008, Portugal

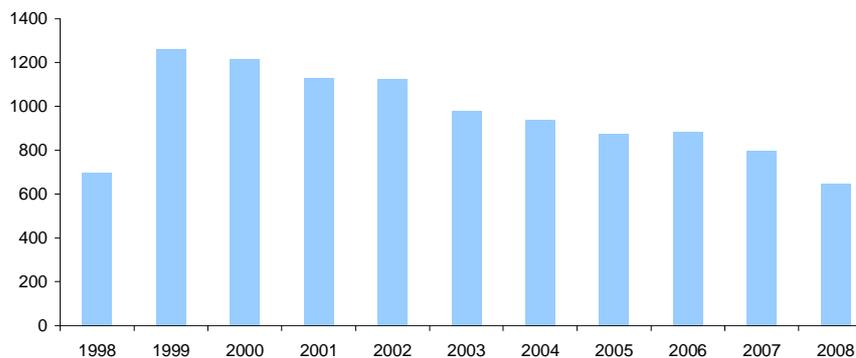


Fonte: Direcção-Geral da Política de Justiça; 2008 - Dados preliminares

O número de mulheres reclusas tende a diminuir

Assiste-se a uma tendência decrescente no número de mulheres reclusas desde o início da década de 2000; em 2008 as mulheres reclusas representavam 6% do total da população reclusa, menos 3,4 pontos percentuais do que em 2000.

Reclusas existentes em 31 de Dezembro (N.º) nos estabelecimentos prisionais comuns e militares, 1998-2008, Portugal

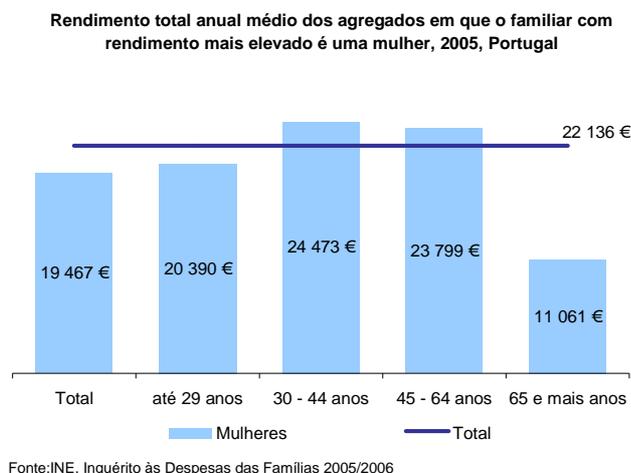


Fonte: Direcção-Geral da Política de Justiça; 2008 Dados preliminares

A MULHER, RENDIMENTOS E DESPESAS DAS FAMÍLIAS

Orçamentos familiares: em cerca de um terço dos agregados familiares a mulher é o indivíduo com maior rendimento; a despesa destes agregados era 11 p. p. abaixo da média nacional

Em 33% das famílias, o membro familiar que auferia o rendimento anual líquido mais elevado era, em 2005, uma mulher. O rendimento total líquido anual destas famílias correspondia, em média, a 19467 € em 2005, 12 p. p. abaixo da média nacional (22136 €).



Nestas famílias, é relevante a distância entre o rendimento total líquido anual quando a mulher tem menos de 65 anos, com 23737 €, face às famílias em que a mulher é idosa (11061 €).

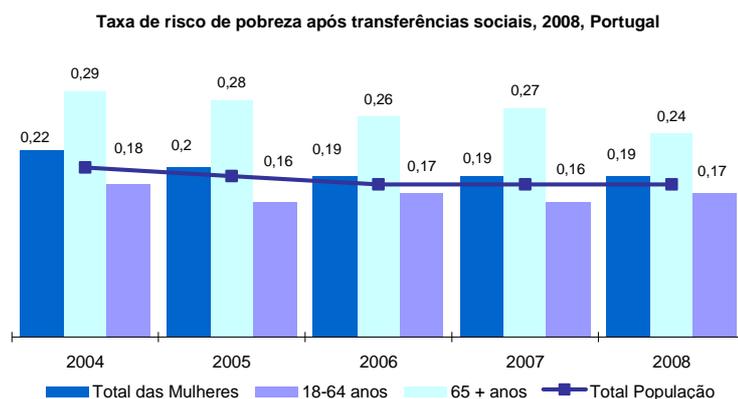
Para a despesa média dos agregados em que o familiar com rendimento mais elevado era uma mulher mantinha-se a distância relativa já observada para o rendimento total líquido anual: a despesa média desta tipologia de agregados, de 15636 € em 2005, situava-se em 11 p. p. abaixo do rendimento líquido anual médio das famílias residentes (17607 €).

Todavia, a repartição da despesa pelos vários bens e serviços destas famílias segue o padrão médio das famílias residentes em Portugal, distinguindo-se por um esforço acrescido (+2 p.p.) em “Habitação; despesas com água, electricidade, gás e outros combustíveis”, e gastos inferiores à média nacional em “Transportes” (- 1,5 p. p.) e em despesas com “Hotéis, restaurantes, cafés e similares” (- 0,9 p. p.).

De acordo com a média nacional, mas de forma acentuada, a despesa média das famílias em que o rendimento mais elevado é de uma mulher, é maior quando a mulher é mais jovem e menor quando a mulher é idosa. Entre os 30 e os 44 anos, a despesa média é 20293€, ou seja, 22 p. p. acima da média das famílias em análise (15636€), enquanto que ascende a pouco mais de metade desta média, 8757€, no caso de mulheres com 65 ou mais anos.

Taxa de risco de pobreza das mulheres: 19%

Em 2006 e nos anos subsequentes³, a taxa de risco de pobreza para as mulheres foi de 19%, valor que compara com 18% da média nacional. Esta taxa de risco de pobreza acompanhou a tendência de melhoria geral nos últimos anos, com uma redução de 3 p. p. entre 2004 e 2008.



Porém, a taxa de risco de pobreza nas mulheres apresenta um agravamento com o aumento da idade⁴: para as mulheres com menos de 65 anos o risco de pobreza, de 17%, é inferior ao risco de pobreza do conjunto da população, sendo significativamente superior nas mulheres idosas (24%). Até 2007, a diferença entre estes dois grupos etários ultrapassava em geral os 10 p. p., sendo que em 2008 esta desigualdade se atenuou para uma diferença de 7 p. p.

Em 2008, as mulheres desempregadas, tal como os desempregados no seu conjunto, são os que se encontram em maior risco de pobreza (35%).

A distância entre os 20% das mulheres com maiores rendimentos e os 20% das mulheres com menores rendimentos tem vindo gradualmente a reduzir-se, passando de 7,1 em 2004 para 6,1 em 2008.

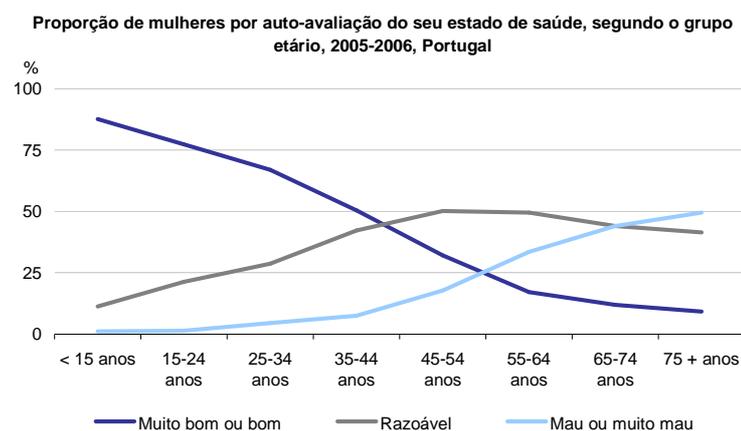
³ Rendimentos reportados ao ano n-1.

⁴ Padrão idêntico ao da população em geral.

A MULHER, SAÚDE E HÁBITOS DE VIDA

As mulheres avaliam o seu estado de saúde com precaução crescente ao longo da sua vida

Em 2005/2006, 47,6% das mulheres residentes em Portugal consideravam o seu estado de saúde bom ou muito bom (53,4% do total da população). Em contrapartida, 17,2% das mulheres consideravam o seu estado de saúde mau ou muito mau (13,9% para o total da população).



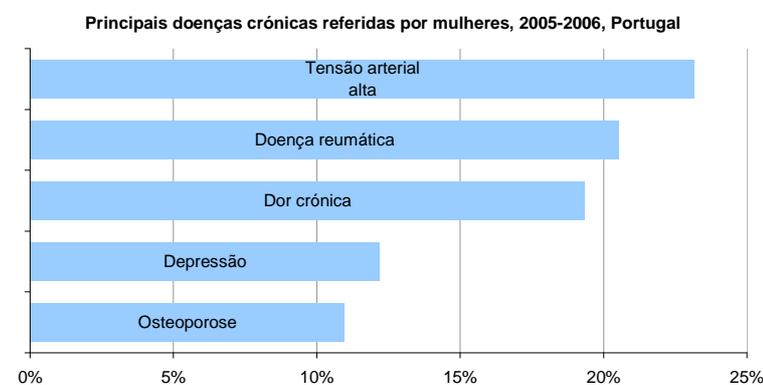
Fonte: INSA/INE - Quarto Inquérito Nacional de Saúde (2005/2006)

Até aos 44 anos a maior parte das mulheres avaliava o seu estado de saúde como bom ou muito bom. A partir dos 45 anos, a auto-apreciação do estado de saúde como razoável assumia a maior posição relativa, culminando com a preponderância de uma avaliação de estado de saúde como mau ou muito mau nas mulheres com 75 ou mais anos.

A tensão arterial alta, a doença reumática e a dor crónica são as doenças crónicas que mais afectam as mulheres. A depressão e a osteoporose são preocupações que distinguem as mulheres

A depressão e a osteoporose eram as preocupações que mais distinguíam as mulheres, com distâncias percentuais significativas para o total da população (12,2% e 11,0%, respectivamente, face às respostas globais de respectivamente, 8,2% e 6,2%), mas a tensão arterial alta era a doença crónica mais referida pela população feminina, numa proporção de 23,2% face a 19,8% para o total da população.

A doença reumática era apontada por 20,5% das mulheres e a dor crónica por 19,3%, valores significativamente superiores às proporções médias de 16%.

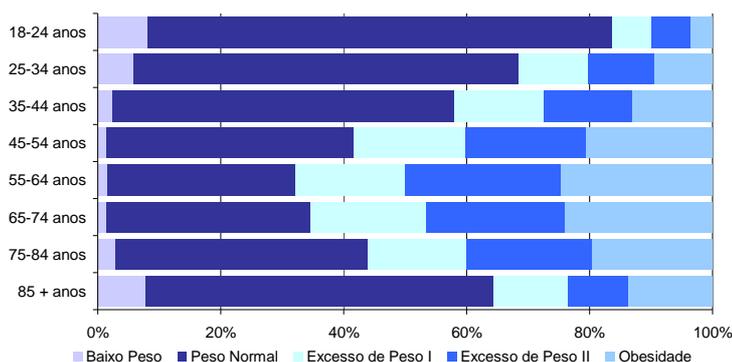


Fonte: INSA/INE - Quarto Inquérito Nacional de Saúde (2005/2006)

As mulheres têm, em geral, menos problemas de excesso de peso

Em 2005/2006, a obesidade afectava mais as mulheres adultas (16,0%) do que a generalidade da população no mesmo conjunto etário (15,2%). A prevalência global de mulheres adultas com excesso de peso (graus I e II), 31,2%, era, todavia, inferior à verificada para os adultos em geral (35,7%).

Distribuição percentual das mulheres com 18 e mais anos, por idade e classes de Índice de Massa Corporal (IMC), 2005-2006, Portugal

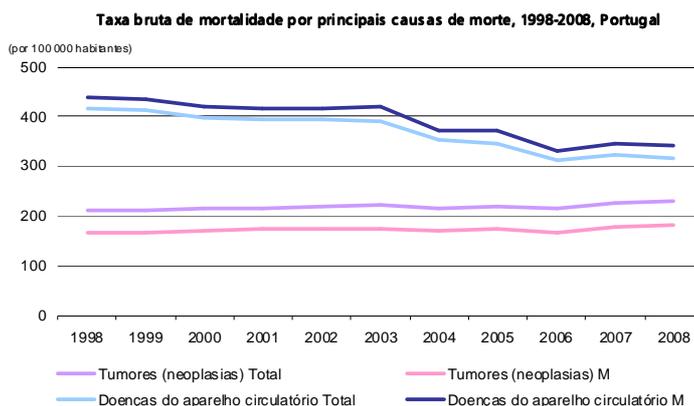


Fonte: INSA/INE - Quarto Inquérito Nacional de Saúde (2005/2006)

As mulheres morrem principalmente por doenças do aparelho circulatório e tumores

As mulheres morrem sobretudo de causas associadas a doenças do aparelho circulatório, em consonância com o padrão da mortalidade da população residente, mas em proporção acentuada (em 2008, a taxa bruta de mortalidade por doenças do aparelho circulatório era de 316,7 residentes em 100 000, enquanto que morreram 342,3 mulheres em 100 000). Tal como para a população em geral, a taxa bruta de mortalidade por doenças do

aparelho circulatório tende a diminuir ao longo da última década, mantendo-se todavia uma distância significativa de 20 a 25 mulheres por 100 000 em relação à média global. Em 2008, 55,8% do total de óbitos de residentes ocorridos por esta causa em Portugal (33 642 óbitos) foram óbitos femininos (18 763).



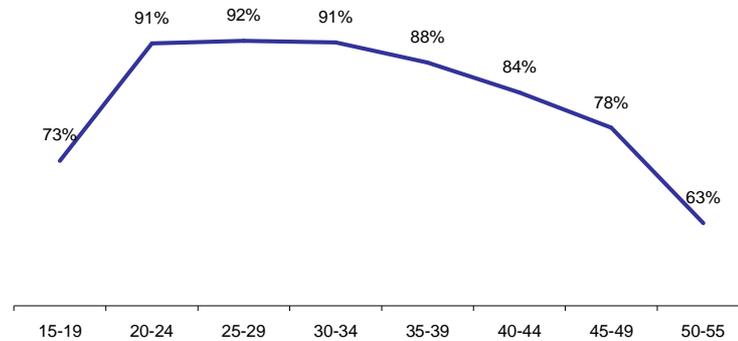
Fonte: INE, Mortalidade por Causas de Morte

Em contrapartida, os tumores, que constituem a segunda causa de morte na população portuguesa, são menos letais para as mulheres, verificando-se ao longo da última década que, em média, morrem menos 45 mulheres em 100 000 devido a neoplasias do que nos indivíduos em geral. Em 2008, menos de metade dos 24514 óbitos devidos a neoplasias, 40,6%, refere-se à população feminina.

85,1% das mulheres com possibilidade de engravidar utilizavam contracepção

Em 2005/2006, 85,1% das mulheres entre os 15 e os 55 anos e com possibilidade de engravidar utilizavam (ou o marido ou companheiro) algum método contraceptivo.

Proporção de mulheres com possibilidade de engravidar que utilizaram qualquer método contraceptivo, por grupo etário, 2005-2006, Portugal



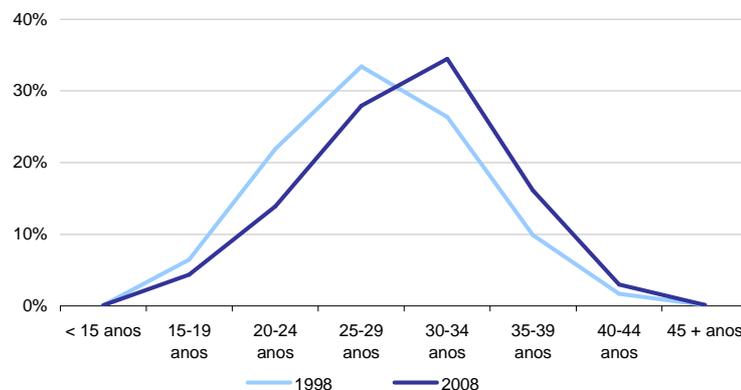
Fonte: INSA/INE - Quarto Inquérito Nacional de Saúde (2005/2006)

Entre os 20 e os 34 anos, a proporção de mulheres com utilização de contracepção ultrapassava os 90% do total de mulheres relevantes (i.e., com possibilidade de engravidar), observando-se uma redução crescente a partir dessa faixa etária. A pílula era o método contraceptivo mais utilizado (65,6%), seguido do preservativo (13,2%) e do dispositivo intra-uterino (8,6%).

34,5% dos partos são de mulheres entre os 30 e 34 anos

Em 2008, foram efectuados em Portugal 103541 partos, sendo que a maior parte ocorreu em mulheres entre os 30 e os 34 anos (34,5%). Por comparação com 1998, constata-se uma redução substancial do número anual de partos na década (-8% entre o valor anual de 1998, 11290, e o valor anual de 2008), bem como a alteração do grupo etário em que o evento é mais pronunciado (em 1998 33,4% dos partos ocorriam em mulheres com idade entre os 25 e os 29 anos). Por outro lado, em 1998, 1,8% das parturientes tinham mais de 40 anos enquanto que em 2008, este valor sobe para 3,2%.

Partos por grupo etário da parturiente, 1998 e 2008, Portugal

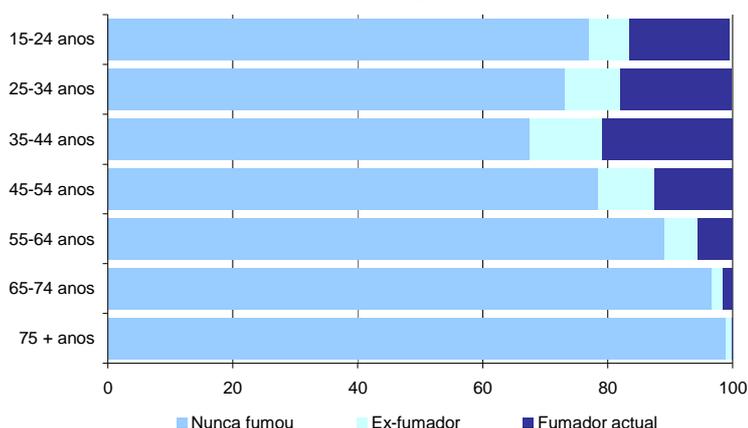


Fonte: INE, Estatísticas dos Partos

As mulheres consomem, em média, menos tabaco do que a população em geral

Em 2005/2006, a proporção de mulheres fumadoras (11,2%) era inferior ao verificado para o total da população residente (19,7%). No mesmo período, a percentagem de mulheres que nunca tinha fumado era mais elevada comparativamente ao total da população: 82,3% e 65,1%, respectivamente.

População feminina com 15 ou mais anos por condição perante o consumo de tabaco, 2005-2006, Portugal



Fonte: INSA/INE - Quarto Inquérito Nacional de Saúde (2005/2006)

Era entre os 25 e os 44 anos que se encontrava a maior proporção de mulheres fumadoras. Também nesta faixa etária (e até aos 54 anos), se observava a maior proporção de mulheres que tinham deixado de fumar.

Sobre o Dia Internacional da Mulher:

Em 1975, durante o Ano Internacional da Mulher, as Nações Unidas instituíram o dia 8 de Março como o Dia Internacional da Mulher.

Nos últimos 35 anos, realizaram-se quatro conferências mundiais sobre as mulheres: 1975 (Cidade do México), 1980 (Copenhaga), 1985 (Nairobi) e 1995 (Pequim). Nesta última, os 189 Estados participantes comprometeram-se a incluir a dimensão de género em todas as suas instituições, políticas e acções, reconhecendo a igualdade entre homens e mulheres. Na Plataforma de Acção de Pequim foram identificadas doze áreas fundamentais, que se considerou constituírem os principais obstáculos ao progresso das mulheres e que, por esse facto, devem ser objecto de acções específicas: mulheres e pobreza; educação e formação das mulheres; mulheres e saúde; violência contra as mulheres; mulheres e conflitos armados; mulheres e economia; mulheres no poder e nos processos decisórios; mecanismos institucionais para a promoção das mulheres; direitos humanos das mulheres; mulheres e meios de comunicação social; mulheres e ambiente; e as raparigas. No ano 2000, realizou-se uma sessão especial das Nações Unidas, intitulada "Mulheres do ano 2000: igualdade entre mulheres e homens, desenvolvimento e paz para o século XXI" (Pequim + 5), que deu seguimento à Quarta Conferência Mundial sobre as Mulheres.